VERMEERSCH, MIREILLE — *"Le phenomène de compensation en readaptation profissionelle". Revue de Psychologie Appliquée* — volume 16 — n.º 2 — 2.º trimestre de 1966.

Inspirando-se em Kurt Lewin, traz o Autor alentada contribuição ao estudo do fenômeno da compensação nas pessoas lesadas.

Esclarece que fenômeno de compensação, é aquêle durante o qual se manifestam mecanismos de defesa de substituição, que

possam ajudar as pessoas a suportarem frustração ligada a uma diminuição de capacidade.

A compensação autêntica aparecerá substituída, em certos casos, por reações de supercompensação e de não compensação.

A supercompensação ou superestimação de si mesmo pode ser direta ou indireta. Quando direta, a diminuição é negada, e o interessado quer aparecer igual ou superior aos outros, nas atividades onde justamente sua capacidade se mostrar reduzida. Na indireta, o sujeito procura provar sua superioridade em outros domínios.

Os esforços desesperados para ultrapassar a si mesmo, levam o indivíduo a expor-se a decepções inevitáveis, engendrando reações de revolta e agressividade dirigidas quer contra si mesmo, quer contra os outros.

A não compensação é uma atitude inteiramente oposta. O indivíduo quer adotar a respeito de si mesmo um julgamento desvalorizante e se submete, como criança, às decisões que se tomem por êle; ou, então, se instala em seu estado de lesado, renunciando a tôda ambição. A oposição à mudança toma aí forma passiva.

Uma pesquisa foi levada a efeito numa população de 155 pessoas (102 homens e 53 mulheres), empregados e operários de 16 a 47 anos, moradores na região parisiense. O grupo não compreendia nem débeis nem doentes mentais e se dividiu em três subgrupos. O primeiro reuniu 31 cardíacos; o segundo 51 tuberculosos pulmonares; e o terceiro 73 enfermos dos membros e da medula.

Os métodos e as técnicas utilizadas foram a entrevista, a autobiografia e o teste de frase a completar, além de um teste de inteligência.

Foram aplicados os seguintes critérios:

Supercompensação: O sujeito recusa aceitar seu *handicap* e quer afirmar-se, ao contrário, como indivíduo superior; procura ultrapassar a si mesmo em um esfôrço paradoxal que muitas vêzes se acompanha de revolta.

Características: Tendência à excitação. Reações de contestação e de reivindicação. Desejo de obter êxito a todo preço. Desprêzo da dificuldade, ambição de ultrapassar os outros.

Não compensação: O sujeito se deixa invadir por um sentimento de inferioridade total e se encaminha para o sossobramento de si mesmo; abdica diante de suas responsabilidades e pode regredir a um nível de dependência infantil.

Características: Tendência a depressão. Reações de derrota. Nostalgia do passado, da infância. Superestimação da dificuldade. Resignação à incapacidade.

Compensação autêntica: Não sem certa angústia, que é normal, o sujeito se esforça em aceitar seu *handicap* e de reestruturar sua personalidade em função da situação nova.

Características: Tendência dinâmica. Reações construtivas. Preocupações ao nível da realidade. Aceitação da dificuldade. Necessidade de afirmação de si.

Os dados foram submetidos a tratamento estatístico de que o Autor enumera uma série de detalhes.

Em uma média de 155 sujeitos, 47 casos de supercompensação e de não compensação, ou sejam 30,3%, e 108 de compensação autêntica (69,7%) foi o resultado geral.

Quanto à variante "idade" o grupo assim estava composto:

70 sujeitos de 16 a 25 anos;

45 sujeitos de 26 a 35 anos;

40 sujeitos de 36 a 47 anos.

Após os 25 anos, a aceitação do *handicap* parece mais difícil e menos facilitada a atitude construtiva.

Sôbre a variável "inteligência", observa a influência muito nítida que exerce sôbre a reação ao conflito, pois os sujeitos mais inteligentes apresentam atitude mais eficaz.

A presença ou ausência dos pais durante a infância e adolescência constitui-se, também, numa variável que desempenha papel de destaque nas reações e conflitos de pessoas lesadas.

Para cada variante, o Autor apresenta gráficos que ilustram as observações sôbre idade, inteligência, escolaridade, presença de pais, etc.

Em resumo, as conclusões foram as seguintes:

a) A única variável significativa para todos os sujeitos foi a inteligência;

b) Para os sujeitos de 16 a 25 anos, a inteligência permanece a única variável importante;

c) Para os sujeitos de 26 a 47 anos, a escolaridade e a estrutura familiar durante a infância e adolescência são também variáveis significativas;

e) Nos casos de sujeitos mais idosos e mais inteligentes, a variante escolaridade tem bastante influência;

b) Nos casos de sujeitos mais idosos e mais inteligentes, é a variante estrutura familiar no curso da infância e da adolescência que mais age;

f) Há uma influência muito significativa de inteligência sôbre a escolaridade que, em certa medida pode mascarar, a ação dessa última sôbre o grupo de sujeitos mais idosos e mais inteligentes, sem que se tenha, atualmente, o meio estatístico de apreciar se, no grupo, a variante "inteligência" supre a variante "escolaridade".

ATHAYDE RIBEIRO DA SILVA